

1. Introdução

A construção da primeira cidade atribuída a Caim apontava para o centramento e sedentarismo dos povos, por isso o traçado da cidade – quadrado, símbolo de estabilidade – se opõe à configuração circular dos acampamentos. Estabilidade apenas aparente, uma vez que a cidade sempre se apresenta como um espaço em constante mobilidade, em interminável transformação. Com raízes no solo urbano, no contexto atual do país cuja feição predominantemente rural foi substituída pela vida agitada e violenta que caracteriza as grandes metrópoles, as produções culturais contemporâneas insistem na encenação do espaço urbano, como aponta Maria Zilda Ferreira Cury¹.

Babel na urbe do século XXI será ressemantizada em meio ao caos urbano, ao medo, à violência e à solidão, como possibilidade de dar sentido ao esfacelamento, à confusão e à própria destruição, já inscrita no mito bíblico.

O mito se dá na desordem, que passa pela linguagem e pela necessidade de se fazer expressar dentro do próprio caos. O discurso da cidade está impregnado pela confusão que constrói o discurso que interpreta a cidade. Assim, a recorrência do mito de Babel se dá na própria balbúrdia e quanto mais a cidade estiver caótica, mais o mito será ressemantizado.

A recorrência do mito pode ser associada à cidade contemporânea porque a cidade está sempre construindo e destruindo a Torre para tornar-se célebre, e pela tentativa de se comunicar em meio ao caos urbano. Assim, a Babel contemporânea é incessantemente reconstruída numa tentativa de unificar o que pela sua origem é a própria destruição.

O mito de Babel é recorrente na contemporaneidade como a tentativa de significar de maneira una a cidade. A Babel recorrente na atualidade é uma possibilidade inviável de dar sentido e unificar a pluralidade de vozes que povoam a cidade.

Neste sentido, a literatura contemporânea pode ser entendida como uma literatura de ruína, a ruína de um mundo que não pode mais ser retratado na sua totalidade, e sim por meio do fragmento, já que a totalidade é impossível de ser captada pela imensidão de relatos que povoam a metrópole, que congrega várias

¹ CURY, Maria Zilda Ferreira. *Flashes da cidade*. O eixo e a roda, 2007, v.15, p. 113-126. <https://www.lettras.ufmg.br/poslit>. Acesso em 10/11/2008.

idades dentro dela mesma. O caos urbano aqui é entendido como a própria destruição da cidade contemporânea que se reconstrói incessantemente. As questões que permeiam a cidade contemporânea e a vida de seus moradores passam pelo caos urbano, violência, medo e solidão. O isolamento dos moradores é consequência de uma nova forma de vida na metrópole, e pode ser entendido como um processo involuntário, uma condição imposta.

Entendemos aqui o processo de caos urbano atrelado à solidão como consequência da nova forma de se viver na metrópole. A violência urbana está estreitamente ligada à nova geografia da cidade contemporânea que congrega no mesmo espaço geográfico a favela e o asfalto.

A aglomeração de pessoas vivendo nos grandes centros urbanos é a grande causa do caos urbano, uma vez que a cidade já não dá mais conta de seus habitantes, e jamais conseguirá. O castigo e a maldição do mito bíblico da primeira cidade fundada por Caim são recorrentes ainda hoje nas metrópoles por conta dos inúmeros problemas gerados pela esmagadora população que se amontoa nos grandes centros urbanos à procura de uma vida melhor. O caos urbano somado à violência e ao medo resultam no isolamento que deságua na solidão. O caos urbano é uma questão presente da literatura que tem a cidade como tema de suas narrativas.

A nova forma de narrar passa pela linguagem que, em alguns casos, se apresenta de forma tradicional e cadenciada, vestida das malhas da gramática, mas se transfigura e rompe com a linguagem tradicional. Descrevendo pensamentos sem ponto nem vírgula, o escritor vai descrever o caos urbano rompendo com a linguagem tradicional, transgredindo a norma. Como demonstra o depoimento de Luiz Ruffato:

Têm autores que escrevem sobre São Paulo ainda usando uma estrutura de romance que é a do século XIX. Não estou dizendo que é ruim ou bom. Eu não concebo, para mim, falar de São Paulo da mesma maneira que se falava de Paris, no século XIX. Nós não estamos no século XIX e nem em Paris².

² AZEVEDO, Estevão. *A literatura refletindo o tempo: a prosa indefinível de Luiz Ruffato*. <http://www.geocities.com/estevaoazevedo/ruffato.html>. Acesso em 15/11/2008.

Como aponta a socióloga holandesa Saskia Sassen, da Universidade de Chicago, em entrevista ao *Jornal Folha de S. Paulo*, “nosso vocabulário já não consegue captar a cidade como uma entidade viva e complexa, com muitos tipos diferentes de materialidade e de culturas.” O projeto literário de Ruffato funciona como possibilidade de diminuir a distância que existe entre a literatura e seu tempo, que, como suspeita a socióloga, estão se afastando. “A literatura nesse ponto é muito tímida porque é mais cômodo você continuar fazendo uma coisa que deu certo do que ousar,” como afirmou o escritor mineiro³.

Enquanto forma narrativa, a literatura contemporânea dialoga com as Artes para dar conta da realidade de seu tempo: um tempo esfacelado, o instante insólito. Num mundo conturbado, alterado pela tecnologia, a vida na cidade já não tem o mesmo significado do encontro compartilhado entre seus moradores. A metrópole passa a abrigar pessoas oriundas de diversos lugares em busca de trabalho e sobrevivência. A urbe perde seus laços afetivos; o isolamento é sintoma do individualismo exacerbado e motivado pela luta da sobrevivência na cidade.

Neste sentido, a cidade na literatura contemporânea não será apenas pano de fundo para as histórias serem contadas; a metrópole não será um simples palco dos relatos dessas histórias, mas um verdadeiro personagem complexo. Assim, os problemas que afligem a urbe passam pela vida dos personagens que povoam os relatos e o imaginário urbano. Uma das possibilidades de se ordenar o caos da cidade na literatura passa pela própria forma narrativa.

A forma fragmentada da narrativa faz parte de um todo impossível de ser retratado: o caos, a violência, o medo e a solidão na metrópole contemporânea. Para dar conta da realidade esfacelada da vida conturbada da cidade contemporânea, a literatura vai dialogar com outras Artes, como o cinema, como forma narrativa para dar conta de uma realidade fragmentada.

Em *Eles eram muitos cavalos*, 2001, de Luiz Ruffato, São Paulo é descrita em um único dia através de inúmeros relatos que, estruturados no livro, formam um grande painel, um imenso retrato da cidade, tentando conter o seu todo, mas não consegue.

A literatura vai colar a realidade factual do cotidiano à narrativa. O livro passa a ter fatos do cotidiano noticiados no jornal, na revista e na televisão. A

³ AZEVEDO, Estevão. *A literatura refletindo o tempo: a prosa indefinível de Luiz Ruffato*. <http://www.geocities.com/estevaoazevedo/ruffato.html>. Acesso em 15/11/2008.

literatura contemporânea passa a dar conta de uma realidade factual transformada em matéria-prima para escritura de um “romance” híbrido permeado de vozes que transformam a própria narrativa. A arte, claro, reflexo de sua época, tende a reproduzir a pluralidade de posturas e sentimentos e a legitima no ecletismo de formas, gêneros, conteúdos. A literatura contemporânea, em consonância com o seu tempo, abole as fronteiras entre os gêneros e instaura um discurso bem próximo da realidade que o ampara, como destaca Aíla Sampaio⁴.

Nesta perspectiva, a narrativa de Luiz Ruffato responde às questões mais inquietantes da literatura contemporânea, por dar conta de várias cidades dentro da metrópole, São Paulo, e por conseguir significar a imensidão de relatos que juntos formam um retrato da própria cidade. A radicalidade do projeto literário do escritor também passa pela divisão tênue entre literatura e realidade. A fronteira entre realidade e literatura passa pela própria realidade que nutre a literatura.

Essas são as linhas de força que articulam esta dissertação, cujo objetivo é estudar o caos urbano, a violência, medo e solidão na representação da cidade na literatura brasileira contemporânea e em alguns filmes produzidos recentemente no Brasil. Como a cidade será tematizada em narrativas contemporâneas na literatura e no cinema? No diálogo entre cinema e literatura, os temas estudados são aprofundados. E estudaremos a possibilidade de representação dessa pluralidade na referida obra de Luiz Ruffato, formada por 70 fragmentos, *flashes* do cotidiano que formam o retrato da metrópole São Paulo.

No primeiro capítulo analisaremos o caos urbano através do mito de Babel e sua releitura nas produções cinematográficas norte-americanas, *A cidade nua* (1948), de Jules Dassin, e *Babel* (2006), de Alejandro Iñárritu González. No segundo capítulo, estudaremos a representação do medo e a violência na construção da imagem da cidade partida na literatura contemporânea, com *Cidade Partida* (1993), de Zuenir Ventura, e no cinema brasileiro contemporâneo com *Maré, nossa história de amor* (2007), de Lúcia Murat, *Era uma vez...* (2008), de Breno Silveira, *Cidade de Deus* (2001), de Fernando Meireles e Kátia Lund, e *Última parada 174* (2008), de Bruno Barreto. E no terceiro capítulo, os temas estudados serão retomados no estudo do “romance” *Eles eram muitos cavalos*, de

⁴ SAMPAIO, Laíla. *Recortes e colagens: Oswald e Ruffato*. <https://litebrasil.blogspot.com/2007/10/recortes-e-colagens-oswald-e-ruffato.html>. Acesso em 15/11/2008.

Luiz Ruffato, do caos urbano à solidão passando pela violência e medo nos diversos *flashes* narrativos que compõem a obra do autor.